Relações de gênero na Escola Municipal Ministro Edmundo Lins: Viçosa – Minas Gerais (2015-2023)

Gender relations at the Ministro Edmundo Lins Municipal School: Viçosa – Minas Gerais (2015-2023)

> Marco Túlio da Cunha Silva Moreira¹ Dayana Debossan Coelho² Janete Regina de Oliveira³

Resumo: O presente trabalho versou sobre as relações de gênero no cotidiano da Escola Municipal Ministro Edmundo Lins (EMMEL), localizada em Viçosa, Minas Gerais. Foi desenvolvido uma análise dos espaços da EMMEL a partir da ocupação territorial de estudantes do turno matutino (6° ao 9° ano), sob a ótica das questões relacionadas à gênero. De modo a compreender as composições e agrupamentos geográficos dos silenciamentos de gênero nas mediações da escola. O objetivo principal dessa pesquisa, que engloba o recorte temporal compreendido entre 2015 a 2023 consistiu em acompanhar as relações cotidianas dos sujeitos escolares, em meio às normas de territorialização nos espaços da escola, tendo como foco de análise as relações de gêneros. Esta pesquisa possui abordagem qualitativa e os dados produzidos foram apresentados através do método descritivo-analítico. O caminho metodológico também contou com a pesquisa de campo, utilizando a técnica de observação empírica e participante. Para dialogar com os dados produzidos, baseou-se em Juarez Dayrell (1996) e Milton Santos (1978; 1979), a fim de entender o espaço escolar e o espaço geográfico, ocupado pelos/as estudantes. Para compreender o conceito de território/territorialização, utilizamos Rogério Haesbaert (2004; 2010). Quanto à relação gênero e espaço escolar, nos baseamos em estudos e pesquisas realizadas por Joan Wallach Scott (1995) e Guacira Lopes Louro (1997). Palavras-chave: Gênero. Educação e Identidades.

Abstract: This work focused on gender relations in the daily life of the Escola Municipal Ministro Edmundo Lins (EMMEL), located in Viçosa, Minas Gerais. An analysis of EMMEL spaces was developed based on the territorial occupation of students in the morning shift (6th to 9th year), from the perspective of issues related to gender. In order to understand the compositions and geographic groupings of gender silencing in school mediations. The main objective of this research, which encompasses the time frame between 2015 and 2023, consisted of monitoring the daily relationships of school subjects, amid the norms of territorialization in school spaces, with gender relations as the focus of analysis. This research has a qualitative approach and the data produced was presented

² Professora Adjunta na Universidade Federal de Viçosa (UFV), lotada no Departamento de Geografia (DGE). E-mail: dayana.coelho@ufv.br.

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Departamento de Geografia (DGE). E-mail: marco.cunha@ufv.br.

³ Professora Adjunta na Universidade Federal de Viçosa (UFV), lotada no Departamento de Geografia (DGE). E-mail: janete.oliveira@ufv.br.

using the descriptive-analytical method. The methodological path also included field research, using the technique of empirical and participant observation. To dialogue with the data produced, it was based on Juarez Dayrell (1996) and Milton Santos (1978; 1979), in order to understand the school space and the geographic space occupied by students. To understand the concept of territory/territorialization, we use Rogério Haesbaert (2004; 2010). Regarding the relationship between gender and school space, we were based on studies and research carried out by Joan Wallach Scott (1995) and Guacira Lopes Louro (1997).

Keywords: Gender. Education and Identities.

Introdução

As expressões de gênero que se apresentam em uma escola fazem parte da construção individual dos sujeitos. As identidades pessoais se criam e se firmam ao longo da vida e, na maioria das vezes, determinam as atitudes dos adultos. Por isso, a importância das questões de gênero nas escolas, como uma forma de desconstruir preconceitos e apresentar possibilidades em momentos de desenvolvimento são essenciais à formação da pessoa humana. É na escola que os sujeitos fortalecem suas bases para a vida adulta. Assim, tal instituição deve proporcionar condições para a construção de uma sociedade mais equitativa.

A questão, que orientou esta pesquisa foi: como ocorre a territorialização dos/as discentes no espaço da Escola Municipal Ministro Edmundo Lins (EMMEL), tendo como foco de análise as relações de gênero?

A Escola Municipal Ministro Edmundo Lins, localizada no centro de uma cidade do interior de Minas Gerais (MG), foi criada em 11 de abril de 1945, instalada em 17 de fevereiro de 1995, quando iniciou suas atividades. Desde então tem se adaptado às normas curriculares, sempre na busca de aprimorar seus serviços aos jovens e adultos da cidade. Contemporaneamente, oferece o Ensino Fundamental (EF) do 1° ao 9° Ano e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do 1° ao 4° Período do 2° Segmento. A escola atende cerca de, aproximadamente, 400 estudantes, segundo o Regimento Interno (RI) de 2021 e o Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2020.

Os documentos mencionados acima (RI e PPP) evidenciam a ausência de incentivo de ações e atividades voltadas as questões de gênero no âmbito da EMMEL, apesar de destacarem em diversos momentos como objetivo da instituição o senso de coletividade. O ato de compartilhar e colaborar na produção de ideias, por meio da interdisciplinaridade são voltados para o sentido de desenvolvimento humano e melhorias no sentido de promover uma sociedade mais respeitadora e inclusiva.

Para a análise, foi realizada observação no turno matutino, que atende cerca de 250 estudantes, distribuídos em doze turmas com vinte e cinco alunos por turma, abarcando do 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental II. Nesse turno, estão presentes também estudantes do período integral (601, 701, 801 e 901). Como a escola está localizada no centro da cidade, recebe alunos de diversos

bairros (Bom Jesus, Nova Viçosa, Santa Clara, Sagrada Família etc.), fato que demonstra certa abrangência espacial da instituição na cidade.

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa foi acompanhar as relações cotidianas dos sujeitos escolares, em meio às normas de territorialização nos espaços da escola, tendo como foco de análise as relações de gênero. Em específico, o estudo busca identificar como os/as estudantes ocupam as mediações da EMMEL; descrever as formas de agrupamentos e suas composições nos espaços da EMMEL, gênero, raça e classe social e compreender a territorialização dos espaços pelos estudantes, sob a ótica das questões relacionadas a gênero.

A escolha do tema se deu pela percepção das disciplinas da Licenciatura, voltadas ao campo de estágio e à prática pedagógica (Estágio Supervisionado I, II, III e IV e Prática de Ensino). Durante o período dos estágios pode-se observar, que a discussão sobre a questão de gênero não se fazia presente no ambiente escolar, as poucas vezes que ocorreu foi de forma bem tímida. Pressupõe-se, então, que tal discussão tenha sido silenciada.

A partir desta percepção ficou reconhecida a importância de pesquisar as relações de gênero entre os estudantes no período de 2015 a 2023, na tentativa de compreender os reflexos da aprovação de um projeto chamado "Escola sem partido". Devido a não aprovação desse projeto, a comunidade tem vivenciado um período de forte ataque às demandas sociais e tentativas de perda de direitos da população LGBTTQIAP+, por parte do Governo Federal. Por isso, o recorte temporal inicial, 2015, foi proposto, pois neste momento houve maior acentuação da discussão sobre a ideologia de gênero.

Paradoxalmente, quando o Legislativo tentava silenciar a temática de gênero nas escolas, a sociedade começou a debater a respeito. Falar de gênero, então, passou a ser uma questão polêmica. O recorte temporal final é o ano de 2023, visto ser o ano em que terminou o primeiro mandato do governo de Jair Messias Bolsonaro e a educação e currículo estiveram em crise a partir das narrativas de poder.

Assim, esta pesquisa se justifica no sentido de compreender as questões de gênero no espaço escolar, sobretudo em tempos cujas tentativas foram, simultaneamente, de silenciamento e efervescência do debate no meio social. Buscamos com este trabalho trazer à tona o campo da ciência geográfica para tencionar e combater o conservadorismo e os preconceitos, presentes no espaço escolar. Igualmente, consideramos a importância de inserir e aprofundar reflexões sobre gênero nas escolas, de modo a contribuir para a redução da prática de *bullying* e para o reconhecimento da diversidade dos sujeitos socioculturais.

Compreender as questões de gênero na escola é perceber o/a jovem como um sujeito social. A esse respeito, Dayrell (1996) contribui com uma visão de escola enquanto um espaço sociocultural no entendimento da função do ambiente escolar, para que sejam construídas identidades e também um espaço de expressões. Refletir sobre as questões de gênero nas escolas, desde os anos iniciais, é contribuir para a convivência harmoniosa entre os distintos,

sem que as diferenças sejam uma problemática, mas uma forma de expressão dos corpos. Afinal, todos são singulares.

Entretanto, gênero não significa apenas falar dos sexos "masculino e feminino" (SCOTT, 1995), mas sim desempenhar uma análise crítica sobre o contexto, nos quais os sujeitos estão inseridos, até mesmo na estrutura de poder da sociedade e as maneiras, que estes utilizam para se construir, socialmente, na categoria do binarismo de gênero.

Analisar essa pauta é pensar, preferivelmente, nas relações que são marcadas histórica e culturalmente, cujos corpos são objetos compreensíveis a partir de um processo de significação histórica, cultural e politicamente construído. Inclusive no âmbito escolar, estes corpos dão continuidade ao seu processo de formação de identidade, iniciada no primeiro contato humano, que é no núcleo familiar. A contribuição da Geografia nesta pesquisa consiste em entender o espaço escolar como um território, que permite que os/as estudantes se territorializem de diferentes formas (harmoniosas ou conflituosas), considerando as relações de gênero e seus conflitos.

Metodologia

Com base na citação de Minayo (2002, p.16), "entende-se por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas". Isto é,

[...] a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador". Desse modo, para alcançar objetivos propostos nesta pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa que tem como proposta explicar em profundidade o significado e as características do objeto estudado, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamentos, de determinado fato, objeto, grupo de pessoas/ator social e fenômenos da realidade (Minayo, 2002, p. 16).

Os dados produzidos na pesquisa foram dispostos de forma descritiva analítica que identifica as causas do fenômeno estudado, após registro, análise e compreensão dos fatores que determinam e contribuem para o problema em questão (Gil, 2007). Ademais, também se classifica como uma pesquisa analítica, fundamentada em Biklen e Bogdan (1994), por tratar-se de um estudo e avaliação detalhada da informação, na tentativa de explicar fenômenos complexos.

Este trabalho também contou com a pesquisa de campo que, segundo Gil (2002), procura o aprofundamento das questões propostas como a distribuição das características da população, de acordo com determinadas variáveis, em estudo de um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, em destaque à interação entre seus componentes. Dessa forma, no estudo de campo utilizou-se a observação empírica. Antes de entrar em campo (EMMEL), foi realizado um estudo sobre a temática de gênero, com base em

pesquisas já realizadas e publicadas em artigos científicos, dissertações, teses, livros e materiais.

Distintos caminhos metodológicos foram percorridos para alcançar os objetivos geral e específico. A pesquisa bibliográfica é um destes caminhos. Por meio de tal pesquisa foi possível selecionar conteúdos, inerentes ao objeto de estudos: gênero e espaço (Campos; Davi; Lemos, 2017) e gênero no ambiente escolar (Esplender; Braga, 2009; Nascimiento; Lira, 2016; Zoccal; Saba; Barros, 2017; Lins; Accioly, 2016).

Em vistas a estabelecer as bases, que guiaram este trabalho, a metodologia foi subdividida em três fases, a saber: revisão e levantamento bibliográfico, observação participante e etnografias. Em determinados momentos, as fases ocorreram simultaneamente ou individualmente, de modo a se complementarem ao final da produção.

Fase 1: com o objetivo de estabelecer os parâmetros, que guiaram a pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica. Esta, para as autoras Marconi e Lakatos (2003), consiste em uma análise referente ao ato de estudar, decompor, dividir e interpretar o processo de conhecimento de uma determinada realidade, o que implica na necessidade de um exame sistemático dos conjuntos desses elementos. Assim, o estado da arte e levantamento de dados, com recorte temporal de 2015-2022 teve como proposta compreender os estudos relacionados aos espaços escolares e às questões de gênero.

Fase 2: foi realizada a análise e descrição das situações e vivências nos espaços da escola, por meio de observação participante, a fim de identificar onde e como os estudantes se organizam nas mediações da EMMEL, realizando um recorte de análise do território e suas relações com as questões de gênero.

Fase 3: Neste momento foram efetuadas as etnografias dos espaços físicos da EMMEL, ocupados pelos/as estudantes do turno da manhã. A partir da transcrição e análises buscou-se compreender a distribuição da ocupação dos/as estudantes no espaço. As representações de gênero na EMMEL possibilitarão a compreensão das formas de ocupação dos espaços pelos/as estudantes e a composição desses grupos (gênero, etnia, raça e classe social), de modo a refletir sobre a importância de viabilizar espaços de debate na escola, para que a mesma não acentue a desigualdade e hierarquias entre os sujeitos. Esta etapa, compreendida a partir da ótica das relações de gênero, buscará alcançar os objetivos específicos.

Geografia dos agrupamentos na EMMEL

O Território é um dos principais conceitos da Geografia e está diretamente relacionado aos processos de construção e transformação do espaço geográfico. Sua definição varia conforme a matriz de pensamento (positivista, fenomenológica, estruturalista, idealista, marxista etc.) ou a abordagem (qualitativa, quantitativa, quati-qualitativa) que se realiza, porém, a conceituação mais comumente adotada o relaciona ao espaço apropriado e delimitado a partir de uma relação de poder.

O conceito de território é entendido a partir de Rogério Haesbaert⁴ (2010), que o define com uma dupla conotação: material e simbólica e com forte ligação ao poder. Mas, não apenas ao tradicional "poder político" do Estado Nação. O território diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação. Assim, o território sempre é tido como múltiplo, diverso e complexo, imerso em relações de dominação e (ou) apropriação.

O autor compreende que o conceito de território envolve a territorialização⁵. O território e a territorialização devem ser trabalhados em suas manifestações, que é, sobretudo, de poderes, nele incorporado por meio dos múltiplos sujeitos envolvidos (tanto no sentido de quem domina quanto de quem é dominado, tanto no sentido das lutas hegemônicas quanto das contra-hegemônicas, pois o poder sem resistência, por mínima que seja não é validado). O território, nesse sentindo, abarca a conflitualidade.

Dessa forma, compreender a escola com espaço sócio-cultural, significa entendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante de uma estrutura, pelo contrário, trata-se de uma relação contínua de construção entre os sujeitos e o espaço. Com relação à macroestrutura, a EMMEL o macropoder se expressa na sua organização, normas e no Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG)⁶. Caso seja destacado o interior da escola, identificamos a divisão por anos, sala, aluno e, no interior deste corpo, emoções, trajetórias.

Nessa parte da pesquisa, destacamos as experiências adquiridas no cotidiano da EMMEL, a ótica dos agrupamentos dos sujeitos escolares, ou seja, como se deu a representatividade dos/as estudantes nos mais diversos grupos compostos pelos/as discentes durante sua rotina escolar. Ou seja, como os/as estudantes se apropriam deste espaço escolar (durante o intervalo de aulas, no recreio, na educação física, na área de lazer, nos banheiros, nos corredores, na biblioteca etc.), a partir das relações de gênero, transformando-o em seu território de atuação.

Durante nossa trajetória pessoal, profissional e acadêmica, as pessoas são constituídas por composições em diversos grupos sociais, com as mais diferentes características, seja por escolha própria, seja por circunstâncias, que independem de vontade própria. Com isso, pode-se entrar ou não em vários grupos sociais, os quais, certamente, são importantes na conformação da educação, de valores, visões de mundo e identidades.

Como mencionado acima, na EMMEL o quadro de sujeitos escolares na composição da escola, apresenta em sua formação sujeitos das mais diferentes raças, gêneros e classe social. Isso representa para a escola uma diversidade

107

⁴ Professor de Geografia, Geógrafo, Mestre e Doutor em Geografia. Atualmente, professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, do Curso de Pós-Graduação em Políticas Ambientales y Territoriales da Universidad de Buenos Aires e do Doutorado em Ciencias Sociales da Universidad de Tucumán (Argentina). Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/3989698/rogerio-haesbaert-da-costa.

⁵ Territorialização, que inclui a vivência concomitante de diversos territórios - configurando uma multiterritorialidade (Haesbaert, 2004a).

⁶ Oriundo da Resolução do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais (CEE) n. 470/2019.

significativa sobre os corpos e suas formas de expressão. A título de exemplo, durante os ensaios para a festa junina que aconteceu na escola no dia 13 (treze) de agosto de 2022 com a denominação de "Quadrilhô na EMMEL", pode-se perceber diversas formas de agrupamentos. Os pares que se formaram durante os ensaios nunca seguiam uma ordem estabelecida, como homem e mulher ou menino e menina. Os responsáveis pelos ensaios destacavam a autonomia dos/das discentes em escolher o par que se sentisse melhor para participar da festividade. De modo, foi construída uma festa junina muito diversa, sob a ótica de gênero, onde as formações eram constituídas por duplas de meninos, de meninas, de meninos e meninas⁷.

Existem várias formas de caracterizar os agrupamentos. Uma delas pode ser por grupos sociais, como os de participação e de não participação, isto é, aqueles que têm vínculo ou não. O autor Paulo Silvino Ribeiro (2023, p. 48) afirma que "o sentimento de pertencimento ou não a determinado grupo será fundamental para determinar o comportamento em relação aos outros (tomados como pares ou como diferentes) /a alteridade, embora sabe-se que, se por um lado há o direito de identificar ou não com algum grupo, por outro deve-se fugir do preconceito e discriminação (em todos os aspectos possíveis) daqueles que estão em outros grupos".

Outra forma de expressão e agrupamento de destaque acontece na hora do intervalo, onde na EMMEL os/as estudantes dos sextos, sétimos, oitavos e nonos anos, que integram o período integral (601, 701, 801 e 901) tem, aproximadamente, 30 (trinta) minutos de intervalo, já os demais anos que compõe o período regular (602, 603, 702, 703, 802, 803, 902 e 903) tem, aproximadamente, 20 (vinte) minutos de recreio.

Durante o intervalo, os/as estudantes encontram-se e compõem formações grupais, mas há alguns que ficam isolados. Nitidamente, o espaço interno da quadra se destaca pelo uso dos meninos, que são interessados no esporte futsal e futebol. O uso da quadra é intercalado por dia e ano, então cada dia um ano específico utiliza a mesma. Ainda, no espaço da quadra, as arquibancadas são, majoritariamente, ocupadas pelas meninas, que na maioria das vezes conversam sobre assuntos de interesses dessas ou torcem pelo jogo/times, que acontece no momento.

Outro destaque é a área de lazer da escola, composta por mesas construídas de concreto com quatro bancos cada uma. Pressupõe-se que a mesma foi construída com a finalidade de socialização, a formas que os/as alunos/as ocupam a mesma é interessante. Durante o intervalo, a ocupação desse espaço acontece pelos estudantes dos anos finais do EF, por se tratar de um espaço tranquilo e agradável, com uma árvore de lpê-amarelo-flor-de-algodão (*Handroanthus serratifolius*)⁸, fato que contribui

⁷ Inclusive a diretora do estabelecimento de ensino ficou receosa com possíveis retaliações de pessoas conservadoras que repudiam tal atitude (da direção da escola) de respeito e de quebra de paradigmas em relação ao gênero.

⁸ É uma espécie de árvore que pode atingir de 15 a 30 metros de altura do gênero *Handroanthus*. No Brasil também é conhecida como somente ipê-amarelo, ou então: ipê-amarelo-da-mata, ipê-ovo-de-macuco, ipê-pardo, ipê-tabaco, pau-d'arco-amarelo, piúv a-amarela, tamurá-tuíra. Disponível em: https://www.escoladebotanica.com.br/post/ipes-amarelos.

para uma paisagem incrível. Na maioria das vezes, os/as alunos/as utilizam esse espaço para se expor ao sol, principalmente em dias mais frios.

Outra forma interessante de agrupamento é por meio do esporte nessa mesma área. Os estudantes também a utilizam para realizar atividades físicas durante o intervalo, como, peteca, três cortes, vôlei, bobinho e etc. Geralmente, as atividades que acontecem nesse espaço são as que não envolvem bolas ou quando envolvem com baixo risco de ultrapassar o muro e cair na rua. Neste espaço acontecem agrupamentos bem heterogêneos, sem ênfase em gêneros e são espaços bem fluídos, onde se tem a entrada e saída de sujeitos a todo instante.

Existem outras formas de grupos, como os de referência (positiva ou negativa), normativos e comparativos, todos modelos ou parâmetros para as relações sociais, considerados grupos de referência positiva. Segundo Paulo Silvino Ribeiro (2023), há indivíduos, que buscam aceitação em grupos que não pertencem, como adolescentes que têm amizades com jovens de mais idade e passam a imitar o comportamento em um período de crise de identidade e questionamentos tão comuns à adolescência. No caso da referência negativa, o mesmo é válido. A família, que deveria ser positiva torna-se negativa para o adolescente, que deseja transgredir um conjunto de valores defendidos pela mesma.

Relações de gênero na EMMEL

O conceito de gênero perpassa por diversas áreas do conhecimento, o dicionário Aurélio (1986) define o mesmo como "qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, ideias que tenham caracteres comuns". Ou seja, está interligado à todas formas de agrupamentos supramencionados. Nessa pesquisa o gênero é concebido a partir da autora Joan Wallach Scott (1995), que o denomina como "uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado". Além disso, a autora afirma:

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. [...] Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (Scott, 1995, p. 75).

Dessa forma, gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. Ele é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Muitas vezes é erroneamente utilizado em referência ao sexo biológico. Por isso, é importante enfatizar que o gênero diz respeito aos aspectos sociais atribuídos ao sexo, ou seja, está vinculado as construções sociais, não a características naturais. Portanto, se refere a tudo aquilo que foi definido ao longo do tempo e que a nossa sociedade entende

como o papel, função ou comportamento esperado de alguém com base em seu sexo biológico.

Embora o tema não tenha o destaque necessário nos ambientes escolares, é nesses espaços que os/as estudantes também estabelecem suas relações de gênero. Este artigo, destinado a essa temática, busca realizar uma análise dos espaços da EMMEL, de modo a entender como os/as discentes se colocam nesses por meio da ótica de gênero.

Segundo os autores Juliana Gonzaga Jayme e Cláudio Eduardo Resende Alves (2020), no cotidiano da escola, a prática de violência de gênero, psicológica, física, moral ou sexual, que se dá entre meninos e meninas, meninas e meninas ou meninos e meninos, é um fenômeno que revela a desigualdade de gênero nos espaços escolares e que certamente contribui para as dificuldades na trajetória escolar e para a prática do *bullying*.

Ainda sobre as ideias dos autores, é importante ressaltar que é comum a violência também entre pessoas do mesmo sexo, na maior parte das vezes entre meninos, seja para demonstração de força, seja por intolerância às manifestações de sexualidade não heteronormativas. Como aponta Richard Miskolci (2012), na escola se explicitam, na maior parte das vezes, de forma impositiva e violenta, os ideais coletivos de como as pessoas devem agir, se comportar, numa palavra, ser. Essas expressões de violência revelam que a opressão de gênero não se dá apenas entre homens e mulheres, mas que na verdade é muito comum entre homens que constroem sua masculinidade, desde tão novos, de modo agressivo.

O ambiente escolar pode reproduzir imagens negativas e preconceituosas como estas, que se derivam da construção social em que os sujeitos estão inseridos, sendo essas reproduzidas dentro da escola. Pode acontecer no sentindo inverso também, que não é o caso da EMMEL, quando um docente relaciona o rendimento de suas alunas ao esforço e bom comportamento, ou quando as tratam apenas como esforçadas e quase nunca como potencialmente brilhantes, capazes de ousadia e liderança. O mesmo pode ocorrer com os alunos quando estes não correspondem a um modelo masculino predeterminado socialmente.

É válido destacar que a EMMEL, de modo a minimizar os impactos da violência de gênero no perímetro escolar, permitiu aos estudantes a liberdade de se expressarem de acordo com suas categorias de gênero. Um destaque dessas formas de equidade, acontecem durante algumas aulas de artes, onde a professora trabalhou o significado da sigla LGBTQIAP+ com suas turmas em especial as/os estudantes do 9° ano, por se tratar de uma fase final da adolescência onde várias questões sexuais as/os afligem.

A partir das atividades ministradas na sala de aula os/as estudantes além de se apropriarem do conhecimento da sigla, teve-se uma construção de conhecimento positivo sobre o assunto e também, puderam construir cartazes informativos sobre a temática, os quais foram expostos próximo aos banheiros da escola localizados ao lado da quadra coberta. A exposição do cartaz traz

consigo as bandeiras referentes a cada letra que compõe a sigla LGBTQIAP+9, cada letra que compõe essa sigla tem um significado e representação, como:

- L: Lésbicas: Diz respeito às mulheres que se sentem atraídas afetiva e sexualmente por outras mulheres. Elas não precisam, necessariamente, ter se relacionado com outras mulheres para se identificarem como lésbicas.
- G: Gays: Diz respeito aos homens que se sentem atraídos por outros homens, e, da mesma forma que as lésbicas, eles não precisam ter se relacionado com outros homens para se identificarem como gays.
- B: Bissexuais: É referente às pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente tanto com pessoas do mesmo gênero quanto do gênero oposto. O termo "Bi" é o diminutivo para se referir a pessoas bissexuais.
- T: Transexuais, Transgêneros, Travestis: Esse termo é referente à identidade de gênero e não à sexualidade, pois remete à pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Os/as transgêneros podem ser homens ou mulheres, que se adequam identidade de gênero. Para se referir a elas, são usadas as expressões homem trans e mulher trans.
- Q: Queer: É um termo em inglês usado para qualquer pessoa que não se encaixe na heteronormatividade, ou seja, são pessoas que não se identificam com o padrão binário de gênero, e muito menos se sente contemplada com outra letra da sigla referente a orientação sexual, pelo fato de entenderem que tais rótulos podem restringir a amplitude e a vivência da sexualidade.
- I: Intersexo: É uma pessoa que nasceu com a genética diferente do XX ou e tem a genitália ou sistema reprodutivo fora do sistema binário homem/mulher. Atualmente, são reconhecidas pela ciência pelo menos 40 variações genéticas, dentre elas XXX, XXY, XO, etc.
- A: Assexual: Refere à pessoa que não sente nenhum tipo de atração sexual por qualquer gênero. Isso não significa que não possam ter relacionamentos ou desenvolver sentimentos amorosos e afetivos por outras pessoas.
- P: Pansexualidade: É uma orientação sexual em que as pessoas desenvolvem atração física, amor e desejo sexual por outras independentemente de sua identidade de gênero.
- +: Demais orientações sexuais e identidades de gênero: O símbolo de soma no final da sigla é para deixar claro que a diversidade de gênero e sexualidade é fluida e pode mudar a qualquer momento, retirando o "ponto final" que as siglas anteriores tinham, mesmo que de forma implícita.

Como supradito a EMMEL repudia a violência de gênero que está presente em vários espaços e escalas da sociedade. A autora Joseli Maria Silva (2009) afirma que as discussões de gênero foram, durante muito tempo,

Disponível em: https://www.conexasaude.com.br/blog/lgbtqiap/.

⁹ Além dos mencionados abaixo, ainda se acrescenta a não-binariedade, que apesar de não estar na sigla de forma explícita, representa a identidade de gênero onde as pessoas não se sentem em conformidade com o sistema binário homem/mulher, podendo fluir entre as infinitas possibilidades de existência de gênero sem seguir um padrão, performance ou papel pré-estabelecido pela sociedade e as/os Drag Queen que também não fazem parte da sigla e referem-se a uma expressão artística, podendo ser performada por mulheres ou homens, cis ou trans, pessoas fora do binarismo de gênero e totalmente independente de orientação sexual.

equivocadamente interpretadas como problemas de mulheres por se tratar da luta dessas pelos seus espaços e, que só interessava a uma parcela específica da sociedade. Porém, a compreensão de que as relações de gênero são relevantes para todo o conjunto social, inclusive para os homens, não se deu de forma fácil.

Joseli Maria Silva em sua obra denominada "Fazendo Geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades" destaca a importância da desconstrução de gênero (que ganhou destaque na década de 1990) e a sua reconstrução sob paradigmas e arranjos da diversidade, por meio da transversalidade de disciplinas, em especial com ênfase para a geografia. Ela afirma:

As variações dos papéis de gênero incorporadas à geografia, relacionadas ás diferentes classes, idades, raças, etnias e sexualidades, não aplacaram críticas das correntes pós-estruturalistas e pós-colonialistas, que se fundamentavam na necessidade de evidenciar as diferenças, evitando as generalizações, e na urgência em superar os dualismos ainda presentes no conceito de gênero. A partir da crítica de que o conceito de gênero perpetuava a dominação masculina, devido ao seu carácter dual, e da concepção de cultura pré-existente na estruturação dos papéis masculinos e femininos desempenhado pelos seres humanos, emergiram com força, na década de 90, perspectivas desconstrucionistas do conceito de gênero, que reivindicavam novas formas de produzir o conceito juntamente ao saber geográfico. Essas desconstrucionistas foram afirmadas em obras de Michael Foucault (1998) e Judith Butler (1990), bem como Teresa de Lauretis (1987) e Donna J. Haraway (1991) (Silva, 2009, p. 40).

Nesse sentido a EMMEL durante o segundo semestre de 2022 trabalhou com os estudantes o projeto denominado "Em busca de Igualdade". Consideramos que este teve como eixo central descontruir as generalizações de gênero construídas socialmente, as quais evidenciam as diferenças, de modo a navegar pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, identificando os direitos básicos dos seres humanos.

Este projeto focou no respeito entre os pares, sempre destacando que quando se tem respeito à diversidade no ambiente escolar, se tem a facilidade no trabalho em grupo, evitando sofrimento e constrangimento, de modo, a melhorar o ambiente. Além disso, o respeito facilita o trabalho dos/as educadores e pais, abrindo portas para um aprendizado mais inclusivo, derrubando as barreiras preconceituosas desnecessárias.

Sendo assim, os/as estudantes puderam aprender a importância do respeito que se deve ter com as diferenças dos/as colegas no ambiente escolar e também a importância de que esses ensinamentos sejam reproduzidos fora dos muros da escola construindo, assim, espaços de convivência mais acolhedores. Durante o desenvolvimento do projeto, os/as discentes foram subdivididos em grupos e na oportunidade conversaram sobre o conteúdo da "Declaração Universal dos Direitos Humanos"¹⁰, de modo que cada agrupamento elaborasse um produto para constituir o mural na escola.

_

¹⁰ Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.

Na Declaração Universal, contém 30 (trinta) artigos que fornecem uma estrutura abrangente e globalmente reconhecida para a proteção dos direitos humanos. Esses artigos contemplam uma gama de direitos, incluindo direitos civis e políticos (como a liberdade de expressão e o direito de participar do governo), direitos econômicos, sociais e culturais (como o direito ao trabalho e o direito à educação) e os direitos coletivos (como o direito à autodeterminação).

Ademais, trabalhar gênero, diversidade e respeito nas escolas é enriquecedor para o ambiente escolar. Ao saber que há diferenças e que elas precisam ser respeitadas, muitas questões sociais são amenizadas, como a incidência do discurso de ódio em redes sociais e crimes de intolerância. É na escola que os/as alunos/as tem contato com um universo diferente do seu e, por isso, é necessário que essa instituição assuma o compromisso de incentivar a diversidade.

Na EMMEL, as sementes lançadas durante a realização do projeto "Em busca da igualdade", projetou a colheita de frutos benéficos para o cotiando escolar, como, a diminuição do *bullying* nas salas de aulas e demais ambientes da escola, redução do índice de evasão escolar, melhoria no ensino dos/as docentes e no processo de aprendizagem dos discentes, construção de uma comunidade escolar mais harmônica e diversos outros.

Desse modo, ao adentrar no universo de estudo, a Escola Municipal Ministro Edmundo Lins (EMMEL), tivemos a oportunidade de analisar os espaços sobre a ótica das relações de gênero. Fundamentado nas ideias de Guacira Lopes Louro (2000), a qual menciona que não apenas nas escolas, mas nas diversas áreas ou disciplinas, as relações de gênero sempre foram produzidas а perspectiva masculina heterossexual sob tradicionalmente, deixam de fora os saberes, as experiências e os problemas das mulheres e dos grupos homossexuais). No sentindo amplo o espaço escolar é construído sob essa ótica heteronormativa, as práticas cotidianas, os arranjos físicos, a distribuição espacial e temporal dos indivíduos também inscrevem e reafirmam, continuamente as marcas das diferenças sexuais e de gênero. Sendo assim, destaco aqui 3 (três), vivências na EMMEL em que as relações de gênero estiveram em pauta durante as formas de expressão/organização do/as estudantes.

A primeira delas aconteceu durante as aulas de educação física. O professor da disciplina tenta ao máximo realizar a inserção de todos/as discentes nas atividades planejadas conforme sua organização pedagógica. Mas na EMMEL, sempre que se tem atividades voltadas para um esporte maior de força corporal, o interesse fica por parte dos meninos. Durante o segundo semestre de 2022, o professor trabalhou com os estudantes alguns esportes, como, futebol, basquete, queimada, vôlei, ping pong e futebol de mesa (totó). Em esportes como futebol, basquete, handebol, ping pong e totó a adesão dos meninos era muito maior que as das meninas e na maioria das vezes enquanto acontecia os jogos, as meninas se concentravam nas arquibancadas da quadra para conversar sobre assuntos de interesses delas e/ou torcer para o time dos meninos em que elas tinham mais afinidade.

Quando acontecia durante as aulas de educação física, a presença ativa das meninas estava ligada a esportes como vôlei e queimada. Além disso, no momento em que ocorria a separação de times, havia comentários por parte dos discentes do tipo "vamos jogar times de meninos x meninas", inferiorizando a presença das mesmas, sob a perspectiva de que os meninos poderiam ser melhores e ganhar os jogos. Diante dessa situação as meninas, na maioria das vezes, optavam por não participar, visto que os meninos sempre usavam da força ao arremessar a bola para ganhar a partida.

A segunda que se destacou foi o uso da biblioteca, a EMMEL conta com uma biblioteca bem estruturada e com um acervo de qualidade para atender a comunidade escolar. Durante os meses de campo, pude observar que o público que mais frequenta esse espaço é do gênero feminino. Os meninos frequentam também, porém muito raramente se tem a presença dos discentes na biblioteca por livre espontânea vontade, quando ocupavam esse espaço era para realizar repetições de provas (quando necessário) ou no momento em que algum docente solicitava. Diferente dos meninos, uma parcela das meninas matriculadas na escola (especialmente do 9° ano) tinha o costume de ir, semanalmente, até a biblioteca e procurar por livros dos gêneros: romance, literatura de ficção e autoajuda (com destaque para romance).

A terceira foi o uso de máscaras na escola, por causa da pandemia de Covid-19, quando passamos a utilizar as máscaras de modo preventivo. Porém, com o fim do Estado de Emergência em Saúde, em Viçosa-MG, o uso obrigatório de máscaras, em locais abertos ou fechados, na cidade deixa de ser exigido, ou seja, o uso de máscaras passa a ser facultativo, exceto nas unidades de saúde, nos hospitais e no transporte público. Com isso, a maior parte dos estudantes deixaram de utilizar a mesma no ambiente da escola, em especial os meninos que manejavam a mesma de forma incorreta, tampando apenas a boca.

Após a liberação para uso facultativo, observei que havia alguns pequenos grupos (três a cinco integrantes) do sexo feminino que ainda utilizava as máscaras e não abria mão da mesma. Em conversa com esses grupos descobri que elas não utilizavam as máscaras por causa da prevenção à doença, mas sim para esconder seus rostos. Elas se sentiam mais confortável dessa maneira, inclusive, algumas dessas alunas declararam que já sofreram *bullying* por parte de alguns colegas de turma e não se sentiam bem com seu corpo. A máscara, então, passou a ser uma forma de inibir o constrangimento.

Considerações finais

A ausência das questões de gênero nas escolas é um problema sério, pois afeta toda a comunidade escolar, sendo os sujeitos que a compõem das mais diversas idades, gênero e origens. Trazendo em evidência a violência de gênero nesses espaços, pode-se observar que ela pode assumir várias formas, incluindo agressão moral, física e sexual, intimidação e assédio. Essas ações não apenas prejudicam os/as alunos/as individualmente, mas também criam um ambiente

hostil e intimidador, que pode prejudicar a segurança, o bem-estar e as oportunidades educacionais de toda a comunidade escolar.

É de extrema importância que as escolas, assim como a EMMEL, tomem medida para prevenir as violências de toda ordem. Falar de gênero, não necessariamente é falar de sexos, mas também falar de respeito ao próximo. As abordagens a respeito do gênero podem acontecer de diversas maneiras, por meio da implementação de políticas e programas pedagógicos, que promovam o respeito, a igualdade e a resolução não violenta de conflitos, bem como o fornecimento de recursos didáticos para professores, funcionários/as e alunos/as. Também se faz necessário que as escolas tenham mecanismos de denúncia e respostas claras e eficazes, para que os/as alunos/as que vivenciam ou testemunham atos de violência de gênero possam denunciar incidentes com segurança e receber o apoio que precisam.

Também é importante que as comunidades, famílias e os governos trabalhem juntos e de forma favorável para que as questões de gênero estejam inseridas nos currículos escolares, de modo que aumente a conscientização e a compreensão deste problema social – pautado na ausência dessa temática na vida de cada sujeito fornecendo recursos e apoio as escolas. De fato, a escola deveria ser um âmbito seguro, sem hierarquizações e segregações de qualquer espécie. As questões de gênero desempenham um papel crucial na formação das experiências e resultados dos/das alunos/as nas escolas. Reconhecer e abordar essas questões torna-se essencial para criar ambientes de aprendizagem seguros, inclusivos e equitativos para todos os alunos, independentemente de identidade ou expressão de gênero.

Algumas das questões de gênero mais importantes nas escolas incluem a promoção da igualdade de gênero e o questionamento de estereótipos e preconceitos. Isso pode envolver os/as discentes, fornecendo aos mesmos uma gama diversificada de oportunidades para aprender sobre diferentes perspectivas e experiências, bem como incentivá-los a desafiar e questionar suposições e expectativas baseadas em gênero, de modo a incentivar a cultura do respeito.

Ademais, também é importante abordar o contexto social e cultural mais amplo das formas em que as questões de gênero se fazem na escola. Isso pode envolver o exame de como as atitudes e crenças sociais mais amplas sobre gênero e sexualidade moldam as experiências e os resultados dos/as alunos/as nas escolas e o trabalho para criar uma cultura mais inclusiva e solidária que valorize e respeite todos/as.

Em suma, abordar as questões de gênero nas escolas significa criar um futuro melhor para todos/as. Ao se criar ambientes de aprendizagem seguros, inclusivos e equitativos tornam-se capazes de projetar uma sociedade capacitada para atingir todo seu potencial de bem-estar social e construir um mundo mais justo e equitativo para todos/as. Destaco também, a excelência da EMMEL na valorização e empenho em construir espaços plurais, de modo a cumprir com seus objetivos geral e específico.

Desse modo, fundamentando-se no Regimento Interno (2021) que descreve em seu capítulo 2 especificamente no Art.5°, conclui-se que a EMMEL

cumpre com sua proposta de fornecer aos discentes subsídios de desenvolvimento para o exercício de uma cidadania consciente que estabelece parâmetros de respeito ao próximo e equidade. Além disso, em seu Art.10° do mesmo capítulo, a escola cumpre com excelência quando ela aborda os direitos humanos em seu âmbito. Desse modo, a instituição possibilita aos educandos/as condições favoráveis ao desenvolvimento de suas potencialidades pessoais, tendo em vista o entendimento às diferenças individuais existentes; de modo a promover o intercâmbio comunidade-escola – ensejando a integração do aluno ao meio físico social.

Ademais, a EMMEL estimula a iniciativa do corpo docente ao permitir a apreciação e avaliação sistemática de toda nova experiência a ser vivida pelo aluno (a), atendendo para seu ritmo, individualidade e capacidade de vivenciar novas experiências, assegurando uma educação de qualidade e proporcionando aos estudantes condições a terem uma visão real da sociedade. Além disso, capacita o/a discente para vivenciar e intervir no mundo em constantes e imprevisíveis mudanças socioculturais e tecnológicas e para o desenvolvimento da capacidade de observar; proporcionando condições favoráveis para análise, reflexão e tomada de decisões pautadas na equidade para o exercício consciente da cidadania.

Em suma, conclui-se que com a pesquisa, foi possível identificar e analisar os espaços/tempos dos/as discentes matriculados no Ensino Fundamental na EMMEL a partir da territorialização dos espaços na escola, por meio de seus agrupamentos e suas composições (gênero). Em especial com a observação participante e as etnografias observamos, sob a ótica de gênero, as formas e formatos de expressão dos/as estudantes nas mediações da escola.

Referências bibliográficas

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994. cap. 1 e 2, p. 48-52.

CARLOS, Gil Antônio. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 1-176.

DAYRELL, Juarez. Múltiplos Olhares sobre a Educação e Cultura: A escola como Espaço Sócio-Cultural. 2. ed. BELHO HORIZONTE, MINAS GERAIS: UFMG, 1996. p.136-161.

FERREIRA, A. B. D. H. Novo Dicionário Aurélio Da Língua Portuguesa. 2. ed. Brasil: Nova Fronteira, 1986.

GIL, Antonio.Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 6aed. São Paulo: Atlas, 2007.

HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidade: Um debate. Produção do Espaço e Dinâmica Regional, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 19-29, jan./2017.

IPATRIMÔNIO. Escola Municipal Ministro Edmundo Lins. Disponível em: http://www.ipatrimonio.org/vicosa-e-m-ministro-edmundo-lins/#!/map=38329&loc=-20.728662445486894,-42.86521911621094,12. Acesso em: 30 set. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36.

LOURO, Guacira Lopes. O Corpo Educado. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 1-127.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

MARCONI, Marina. de Andrade.; LAKATOS, Eva. Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teórica, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 21. ed., 2002.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, UFOP, 2012.

RIBEIRO, Paulo Silvino. Os grupos sociais. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/os-grupos-sociais.htm. Acesso em: 30 set. 2023.

SANTOS, Milton. Espaço e Sociedade. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol.20, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%c3% aanero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 30 set. 2023.

SILVA, Joseli Maria. Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. 1. ed. PR: TODAPALAVRA, 2009. p. 1-318.

